

Deuses e mulheres – entre o mito e a realidade: religião, lesbianidade e maternidade

SABINE LINDNER e MARICEL MENA LÓPEZ

Introdução

Este foi o tema do seminário proposto pelo Coletivo de Feministas Lésbicas de São Paulo, para o qual foram convidadas, como assessoras do trabalho bíblico, integrantes do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina. A presente reflexão tenta relatar uma experiência de releitura hermenêutica bíblica feminista num ambiente não eclesiástico.

Assumir o desafio da abordagem desta temática tão controversa no ambiente das igrejas cristãs já é problemático, muito mais num espaço muito discriminado, negado ou considerado inexistente pela sociedade em geral como é um Coletivo de Mulheres Lésbicas.

Para o presente artigo partimos de duas questões primárias que são o fio condutor da nossa reflexão: Que textos bíblicos as mulheres conhecem e com quais elas se identificam? Que significa trabalhar lesbianidade a partir da Bíblia? Para tentar abordar estas questões, partimos da pré-compreensão que elas têm da Bíblia, centrando nossa atenção no estudo desta temática no Antigo Testamento, principalmente nos textos normativos que condenam a prática homossexual e no livro de Rute por ser o texto, que segundo elas, fala a respeito do amor homossexual feminino.

Experiência de releitura bíblica das mulheres

Percebemos que as mulheres conhecem textos e figuras bíblicas chaves que apresentam e recomendam o amor entre pessoas do mesmo sexo como



por exemplo: Rute e Noemi, Davi e Jônatas, Jesus e o discípulo amado e, Paulo e Timóteo.

Sentimos que elas lêem os relatos bíblicos a partir de sua opção de vida, como no caso da amizade entre Rute e Noemi. Para algumas, a profunda amizade entre nora e sogra se condensa na explicação de amor em Rute 1,15-16: “Não insistes comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também; onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus”. Este texto é muitas vezes citado para celebrações de casamento, não é só declaração de solidariedade e continuidade da relação familiar depois da morte dos homens. Elas identificam esta narração como testemunha escondida de uma relação lésbica em tempos bíblicos. Mas esta afirmação deverá ser melhor encaminhada em nosso estudo com ajuda dos instrumentais histórico-críticos.

Há também outros textos que condenam a relação homossexual como o relato do Gênesis sobre Sodoma e Gomorra. Para muitos, o motivo da destruição destes povos é o castigo recebido pelos atos de homossexualidade de seus habitantes. No entanto, existem dúvidas. Será que o motivo da condenação se restringe à prá-

tica homossexual masculina? Ou podemos interpretar a prostituição como um conjunto de falhas na convivência solidária e fraterna da comunidade? A respeito, Kjeld Renato Lings (1992; 7) destaca, entre outras falhas, a falta de compaixão pelo pobre referindo-se a uma memória de Ezequiel (Ez 16,49-50) e a ausência de hospitalidade com os enviados de Deus, lembrada por Jesus (Mt 10,14-15).

Cabe mencionar aqui, que nem em Gênesis e em nenhum outro livro do Antigo Testamento se faz alguma menção à homossexualidade feminina. A única referência à prática homossexual entre mulheres (gentios) é dada por Paulo na carta aos Romanos 1,26-27. Esta menção não está isolada, é ligada ao fenômeno do homossexualismo masculino. E este não aparece como assunto a ser condenado diretamente, mas sim como uma consequência de uma série de atitudes abomináveis contra a justiça. Portanto, este texto dificilmente poderá ser aplicado como uma sentença de condenação contra a presença das lésbicas atuais. Também as alusões ao homossexualismo masculino na Bíblia não se referem ao fenômeno tal como é empregado na segunda metade do século XX mas, é restrito, a situações muito concretas, definidas pelos contextos religiosos e culturais presentes nos textos bíblicos.

O método sócio-histórico: caminhos para uma hermenêutica dos textos

A partir destas colocações, encaminhamos nosso estudo levantando algumas questões de caráter hermenêutico: Será que os textos de fato possibilitam esta leitura? Será que temos que encontrar na Bíblia textos que, de um lado legitimem a nossa opção sexual e, por outro, a nossa aceitação e integração à vida religiosa e social? Por quê não entender os textos bíblicos como produto de seu tempo, quer dizer, como fruto de uma sociedade que nega, oculta e proíbe institucionalmente estas práticas? Neste sentido seria interessante continuar nosso estudo perguntando-nos pelos silêncios, pela falta de

explicitação, pela ausência de relatos e narrativas exemplares a respeito do amor homossexual.

Partimos da constatação de que a Bíblia é a condensação e expressão de histórias de fé do povo israelita, das comunidades judaicas e das comunidades cristãs no Antigo e Novo Testamento. Cada tempo histórico e cada grupo social deixou suas marcas de experiências religiosas, às vezes, contraditórias no que chamamos de palavra de Deus. Sobre isto Gerstenberger, afirma que “teologicamente falando: temos acesso à palavra de Deus porque se tornou ‘carne’ verdadeiramente, e realmente temos este acesso somente através de revelações históricas concretas”.¹

É por isso que sublinhamos a importância de uma leitura histórica (diacrônica) e crítica, capaz de sustentar a nossa preocupação contextual. Somente aproximando-nos ao contexto histórico no qual os textos foram produzidos, teremos as ferramentas científicas que possibilitam uma releitura desde nossa realidade. A nossa hermenêutica, no entanto, se fundamenta na leitura do texto bíblico à luz dos resultados de uma pesquisa metodológica sócio-histórica.

Na tentativa de estudar historicamente os textos bíblicos do Antigo Testamento, nos propomos a fazer um estudo crítico de dois textos normativos, presentes no livro de Levítico e no livro de Rute, para a partir destes, apresentar uma nova abordagem, abrindo pistas para uma nova compreensão da mesma sem cair numa interpretação *a priori* do texto.

Textos normativos: estudo de Levítico 18,22 e 20,13

Os textos como memórias históricas

As memórias reunidas e organizadas no livro de Levítico são muito antigas. Elas provêm provavelmente das famílias tribais pré-estatais, mas também

1. Veja nesta revista artigo de Erhard Gerstenberger, Devem eles e elas morrer? – homossexualidade no Antigo Testamento e no Oriente Médio Antigo.

de sociedades com mais organização jurídica situadas entre a formação do estado em 1.000 aC e a destruição de Jerusalém em 587aC. As suas regras e prescrições estavam a serviço da organização do clã no dia-a-dia e nas ocasiões de festas. Somente por volta dos séculos V e IV, estes relatos foram colecionados e serviram à comunidade cúltica e sacerdotal reunida em Jerusalém depois do exílio. Assim, estes relatos foram compilados num espírito de fechamento cultural, de reorganização da vida cultural e de reforma do clero. Como livro mais importante do judaísmo ortodoxo, as suas memórias foram guardadas pela escola sacerdotal. Os capítulos 17 a 26 formam o chamado Código de Santidade para a comunidade religiosa do segundo Templo. Trata-se, no entanto, de leis sacerdotais e não de leis sociais como Frank Crüsemann destaca.²

Interpretando os textos

Como ler e compreender neste contexto as duas memórias específicas relatadas em Levítico 18,22 e 20,13 a respeito da homossexualidade?

Lv 18,22 na linguagem da Bíblia de Jerusalém diz: “Não deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação”. Este versículo faz parte de um catálogo de tabus sexuais para a família, composto de pequenos relatos. Os transmissores do texto criaram uma moldura para este catálogo que deixa transparecer um interesse para a comunidade, para o povo de Javé. Na sua redação final o texto parece motivado pelo chamado de não fazer o mesmo com os outros povos. Teologicamente falando: Javé chama seu povo a guardar os estatutos e as normas para a vida.

Outro texto está em Lv 20,13 e contém o mesmo argumento, porém, com outras abordagens: “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”. A ideologia teológica dos redato-

res deste estatuto condena à morte os filhos do povo que não agem como quer Javé.

Interpreta-se esta legislação “como quer Javé”, em torno ao *ethos* da sexualidade como instrumento de controle e de disciplina, pressupondo, com Michel Foucault, que a principal função das religiões era o domínio sobre o “uso dos prazeres”. Antigos tabus de família que definiram contatos não permitidos na organização da vida clânica, sobretudo por causa da preocupação com o incesto, são agora integrados em um sistema religioso de prescrições de pureza e de impureza. No seu clímax, Levítico chega a apresentar uma lista de sentença de morte sobre quem pratica o que é declarado impuro. O Código da Santidade estende seu poder de controle para além da vida cultural, à organização da vida cotidiana.

Gerstenberger nos ensina em seu parecer que uma criação dogmatizada desta maneira deve ser produto de teólogos.³ Qual é, porém, a intenção deste dogma? É a preocupação de uma linha sacerdotal com a continuação da vida e da procriação a partir de um relacionamento com o ciclo da sexualidade. Este ciclo é cheio de segredos e medos provavelmente mais por parte dos homens do que das mulheres. O sangue menstrual, o fluxo seminal, a concepção, a criação, a gestação e o nascimento: são mistérios sacrossantos e portanto impuros.

É muito interessante ver que o homossexual no livro de Levítico e em todo o Antigo Testamento não é tratado como um marginalizado, ele tem direito de viver apesar de sua marginalidade. Em Lv 20,13, ele simplesmente não tem direito de viver. Será que estas sentenças mortais foram criadas a partir de uma estrutura de medo baseada no lado obscuro, o lado inexplicável da prática sexual?

Rute: uma história de amor solidário

Motivação do livro

É necessário partir da constatação de que Rute é um texto múltiplo e inacabado em suas interpre-

2. Frank Crüsemann, *Die Tora – Theologie und Sozialgeschichte des alttestamentlichen Gesetzes* [A Torá – Teologia e história social das leis vétero-testamentárias] (Munique, Chr. Kaiser, 1992).

3. Erhard Gerstenberger, veja texto nesta revista.

tações. Para alguns, Rute conta uma história dos tempos dos Juízes (1,1), que explica ao povo a história do rei Davi, para outros é considerado como uma história de amor e fidelidade à amizade, também tem-se destacado como objetivo do livro a universalização da fé em Javé e a perpetuidade clânica. De qualquer forma, o livro de Rute é um texto de muita riqueza. Sua leitura minuciosa ilumina nossa prática, sendo muito significativo e motivador para as mulheres. É um texto feminista. A trama da narrativa é realizada por mulheres: são elas quem planejam, executam e celebram o alcance de seu objetivo. Por seu caráter comovente e minucioso alguns afirmam que o livro poderia ter sido feito por uma mulher ou, quem sabe, um grupo de mulheres que conservaram sua tradição histórica até a redação final. De tal forma ele contém uma teologia feita por mulheres que constituem um grupo organizado que no período do pós-exílio representam um grande núcleo de oposição ao poder patriarcal do tempo.⁴

Contexto histórico

A maioria dos estudiosos concluem que o livro teve sua composição final no pós-exílio por volta de 450 anos a.C. Embora sua memória histórica remeta a tempos do Israel tribal pré-monárquico. A unidade básica da sociedade agrária israelita era a família extensa, denominada pelo geral *bet'ab*, casa paterna ou em alguns casos *bet'im*, casa materna. Este grupo geralmente se baseava em relações de sangue, e consistia em duas ou mais famílias nucleares incluindo várias gerações de parentes. Os problemas de guerra, fome, doença e esterilidade, mostram que muitas famílias contavam com um número muito reduzido de pessoas e tinham que lutar pela sobrevivência. Além disso, os centros urbanos impunham um sistema de controle tributário sobre as práticas

locais a fim de extrair todo o possível da produção agrícola. Devido a esta situação várias famílias se uniam para formar uma *mispajah*, que quer dizer “clã” ou “associação protetora”, e esta associação assegurava, em certa medida, a autonomia das unidades familiares. O sistema interno de ajuda solidária do clã à sobrevivência do *bet'ab* era o *goel*.⁵ Para o povo a possibilidade do *goel* ou resgatador, ante a realidade de pobreza, fome, guerra, falta de terra e família entendia-se também como a bênção de Javé. E esta consistia na formação de um povo solidário que abriga e restaura os necessitados: pobres, viúvas, órfãos, entre os mais discriminados na sociedade.⁶

Neste contexto se escreve o livro de Rute, como memória da *bet'ab* – casa paterna, que vive em situação de miséria e desamparo, que luta pela recuperação da sua terra e, tem o direito ao *goel* ou lei do resgate da terra por parte do clã. Os camponeses têm que contribuir para o sustento de sacerdotes e levitas. A lei é representada pelas leis de pureza racial e o povo tem expectativas messiânicas de restauração representadas na figura de Davi. A lei do resgate era a possibilidade de que as viúvas desamparadas do *bet'ab* extinguido se incorporassem formalmente a outra família.

Aproximação literária

Para uma maior compreensão do texto, apresentamos uma aproximação ao desenvolvimento dos capítulos com o fim de estabelecer um juízo sobre seu conteúdo.

O primeiro capítulo (1,1-12) é apresentado com uma força extraordinária. Ele faz reviver a tristeza experimentada no passado: uma família

4. Maricel Mena López, A força da solidariedade. O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista. *Mosaicos da Bíblia 20*, Koinonia Presença Eumênica e Serviço (São Paulo, 1995), p. 5.

5. A voz hebraica *goel*, particípio ativo *ga'al*, é traduzido geralmente por “resgatar” ou “resguardar” a propriedade, pessoa ou honor de alguém. Também pode-se usar a expressão “redimir” quer dizer, “volver a comprar ou que antes se vendeu ou empenhou”. Cf. *Goel: Solidariedade e redenção. Revista de Interpretação Bíblia Latino-Americana 18*, 1994.

6. Alicia Winters, El *goel* en el Antiguo Israel. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-Americana 18*, 1994, p. 19-29.

sai de Belém de Judá (casa do pão) por causa da fome e chegam aos campos de Moab. Percebe-se o abandono de Deus. Noemi fica só, sem marido e sem seus dois filhos, encontra-se em completo desamparo numa sociedade como a israelita onde o valor da mulher é sempre em relação ao marido e aos filhos. Rute, assume a liderança e deixa o seu povo e sua religião. Aceita a Javé como seu Deus. Busca a liberdade daquele que agora é seu povo. As mulheres do povo lhes dam as boas vindas, se solidarizam e integram as duas mulheres na comunidade.

No segundo capítulo (2,1-23) Rute e Noemi integram-se ao projeto camponês, Rute trabalha no campo de Boaz. O termo *goel* aparece pela primeira vez (ao todo ele aparecerá dezesseis vezes). E esse *goel* é a possibilidade de garantir um futuro melhor tanto para Rute e Noemi como também para o povo em geral, e este poderá ser realizado graças à iniciativa das mulheres.

O terceiro capítulo parece ser o centro do relato (3,1-18). Rute compromete a Boaz com seu povo e o mesmo deve dar uma solução imediata ao dilema do resgate, quer dizer, ao direito que elas tem de recuperar a terra. Na eira, a relação de Rute e Boaz pode ser entendida como uma relação divina (Deus-terra) sendo que no antigo Israel, na festa da colheita havia um rito de fecundidade no qual o ato sexual se realizava como oferta a Deus para que ele irrigasse a terra. Se introduz uma teologia da corporeidade, da sensualidade, da relação com Deus mediada pelo toque pessoal, que aconchega e dá segurança.

Nos versículos 4,1-12 o dilema do resgate é solucionado. A cena ocorre na porta da cidade, lugar exclusivamente masculino, público, onde os anciãos são os observadores e testemunhas da ação.⁷

Finalmente em 4,13-22 se soluciona o dilema do resgate. Rute, uma mulher estrangeira, portanto desprezada, que por sua condição de impureza

racial não seria admitida nem à décima geração na assembléia de Javé (Deuterônimo 23,2-4), começa a ser parte da edificação de Israel e entra triunfante na genealogia do rei Davi e posteriormente, na genealogia de Jesus narrada por Mateus.

Interpretando o texto

Antes de uma leitura hermenêutica do texto de Rute é importante notar que, se tentamos estudar a Bíblia desde uma perspectiva ampla (inclusive a respeito da opção sexual) percebemos que Deus se manifesta a cada uma/um de maneira diferenciada respeitando as nossas particularidades de gênero, classe e etnia. Seu amor é universal. Rute como mulher estrangeira e discriminada assume um projeto de restauração da fé de um povo que se universaliza para todas/os. Desta forma a proposta de Rute também é para as/os excluídas/os socialmente pela opção sexual.

No entanto, tem que ficar claro que a leitura sócio-histórica do texto não deixa transparecer um possível amor homossexual entre Rute e Noemi. O livro de Rute tem um propósito claro, que é ilustrar em forma narrativa a função do *goel*, tal como funcionava na família e no clã maior. A ordem de atuação dos *goelim* – resgatadores – é um fator chave no desenvolvimento da narrativa: Noemi se regozija ao saber do relacionamento de Rute e Boaz, porque este é “um de nossos *goelim*”, porém, Boaz informa a Rute que ele não pode ajudá-la porque há outro que tem o direito antes dele. O livro informa que geralmente se conhecia quem podia atuar a favor dos membros da *mispajah*, e quem seguia na lista.⁸ Para Rute e Noemi, mulheres viúvas e sem filhos, a garantia do resgate era vital para se integrar na vida social e religiosa. Numa sociedade como a israelita, a viuvez, a esterilidade, a falta de filhos e de marido é a morte. O *goel* é a garantia de vida das mulheres.

7. Edward F. Campbell Jr. *Rut. A New Translation with Introduction and Commentary*: v. 7 (Nova York, Doubleday, 1975), 188 p., The Ance Bible.

8. Alicia Winters. El goel en el Antiguo Israel. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana* 18, 1994, p. 24.

Pensando na possibilidade de que Rute e Noemi formem um casal, como pensar o fato que Noemi motivou Rute a ter uma relação íntima com Boaz? Será que numa relação homossexual isto é permitido? O interesse delas é ter um filho para sua relação de casal? Estas perguntas não tem uma resposta sólida no texto. São fruto de nossos interesses de interpretação do mesmo. Se partirmos do fato que uma relação lésbica não pressupõe uma relação de prazer sexual, como finalidade única com a companheira, como é sugerido por Mott,⁹ mas busca níveis profundos de comunicação e sensibilidade. Poderíamos dizer que a relação de amizade entre Rute e Noemi nasce de um sentimento profundo que tem sua base no amor e não necessariamente numa relação sexual.

Concluindo

Da mesma forma que Deus se universaliza na Bíblia aos mais diferentes povos, também, para

as mulheres lésbicas ele apresenta uma mensagem libertadora. Desconstruir os textos bíblicos de leituras patriarcais e xenofóbicas, converte-se num desafio de todas/os que desejam reler a Bíblia a partir dos diferentes sujeitos sociais. A tarefa então é liberar os textos bíblicos de leituras ideológicas que ignoram, negam e condenam a realidade homossexual de nossas sociedades. Já que estas leituras são fruto da ocidentalização da religião.

Os textos normativos que condenam à morte a prática homossexual devem ser estudados no seu contexto histórico. Só assim pode-se perceber que são leis, cujos interesses atendem a sociedades determinadas.

Contudo, vemos que a condenação à prática homossexual se escrevem num contexto amplo de falhas na vida solidária das comunidades e não se reduz só à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo.

9. Luiz Mott, *O lesbianismo no Brasil* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987), p. 13, Depoimentos 16.